

ENCONTRO COM UMA PAJÉ: UMA FIGURA INSULAR E DO ENTREMEIO

Fernando Alves da Silva Júnior¹
Aline Costa da Silva²

Recebido em: 10/08/2017

Aprovado em: 04/09/2017

“A travessei a fronteira, mãe. Não retornarei”. Assim principia o romance *Na escuridão, amanhã* (2013) de Rogério Pereira. Era assim que gostaríamos de iniciar esse texto, texto escrito a dois. Mas sem desenvolver esses personagens belamente destroçados na escrita de Rogério, mas com esse início que nos impulsiona a *ir*, com a ressalva de que não pensávamos em ficar, o *retorno* também era finalidade. Saímos, de fato, naquela manhã quente com a promessa de regresso. Saímos depois da 10h. Na comunidade o caminho se estreita e o acesso para o veículo finaliza a uns oitocentos metros do nosso objetivo. O restante temos que seguir a pé e é preciso contar com a gentileza dos moradores locais para a segurança do carro. Parada para conversa é uma *quase* obrigação, a nossa passagem parece requerer essa gentileza dos encontros, uma imposição do trajeto, a última delas foi na casa de uma pajoa, como nos contaria depois nossa anfitriã. Sempre a necessidade de transpassar algumas fronteiras, digo fronteiras pois a divisão das propriedades são marcadas por porteiros e arames farpados, nada que impeça ou imponha autorização prévia. O caminho finda em uma pessoa, a Maria do Bairro, nome da pajé, curandeira e benzedeira que procuramos e que já habita em Taperaçu Campo a mais de dez anos. Maranhense de nascença, migrou para a capital do Rio de Janeiro ainda jovem, retornou para Belém e, de lá, para Taperaçu Campo, uma parte da região dos campos bragantinos que, nesta época do ano, setembro, não está vicejando pois o alagado está seco, mas como adverte a última pessoa que conversamos na ida: “Cuidado, os campos estão molhados!”. A advertência é para se resguardar dos possíveis escorregos. O terreno é argiloso, não é em vão que o entorno é muito bem servido por olarias que fornecem tijolos para Bragança e circunvizinhanças.

Maria do Bairro é uma pajé. Figura limiar por excelência. Uma conhecedora. Uma figura do limiar por alguns motivos. Primeiro por não se enquadrar nos padrões heteronormativos, não responder ao binarismo masculino/feminino, algo similar ao que propõe Judith Butler em seu *Problemas de gênero* (2013). Segundo por ter escolhido um lugar que está no entremeio de duas comunidades, Acarpará e Tamatateua, comunidades

¹ Doutorando em Estudos Literários (CAPES/PPGL/UFPA). Correio eletrônico: macuninfeta@gmail.com.

² Doutoranda em Estudos Literários (PPGL/UFPA). Correio eletrônico: alineclau_cs@yahoo.com.br.

englobadas por Taperaçu Campo. Terceiro porque para a própria condição de pajé³ estar no entremeio é uma prerrogativa para aquele que consegue ver o que os olhos comuns não enxergam. Com efeito, nada a surpreende. Somos recebidos e em poucos momentos ela relata que iria sair mas que não o fez por ter sentido que receberia visita de Bragança. E recebeu. Quarto porque a condição para *ser* pajé necessitou a vivência de uma experiência limiar, este caso, requer uma explicação sobre o seu *tornar-se* pajé. Citamos Maria do Bairro:

Por volta dos cinco anos eu me perdi na mata. Minha mãe me deu como morto. Tive visões, nelas vi um homem, ele corria de uma bruxa, do tipo que usava chapéu de palha. Ela disse que iria retirar meus olhos. Nisso eu corri e só parei quando consegui atravessar por baixo de uma boi enorme, do tipo *caçoá*, e me agarrar nas pernas de um boiadeiro que estava montado nele. Passei uns dois anos encantado. Não tinha muita noção de quanto tempo se passou. Lembro que havia uma enorme mesa, bem farta, e muita gente, parecia um cívrio. Muita comida mesmo, mas eu não comi. Não comi. Se tivesse comido estaria encantado, eu não voltaria. Se eu tivesse comido teria ficado lá. Também tinha um rio de água doce onde eu me encantei, mas me acordei dentro de uma rede. Hoje eu trabalho porque é o destino, pra fazer o bem. Quando a pessoa faz um mal pra mim, cai nela. Quando eu tiro uma amante de um casal, estou fazendo o bem por um lado, mas inevitavelmente faço o mal para a amante, pois a privo de seu homem, isso sempre recai sobre mim, porque ela também é mulher, então eu pago, fico sete dias sem companheiro!

Essa é a condição para que surja o pajé. Uma condição limiar como a vivenciada por ela aos cinco anos. Uma experiência de morte, ou quase morte. Aquele que conseguiu ir, que conheceu o outro lado e, sobretudo, voltou para contar essa história vivida alhures. Esta é a condição do xamã para Viveiros de Castro (1996, 2011, 2015). Tudo se deu como se Maria estivesse em um sonho, em que as imagens estavam entrecortadas, onde não era possível ver claramente. Para o xamanismo ameríndio, perder-se na mata e nela encontrar pessoas que presumivelmente são humanas é um bom momento para evitar qualquer tipo de comunicação. Falar com estes seres aparentemente humanos é, ressalta Viveiros de Castro (2009), um passo para perder a *sua* humanidade. A perda da humanidade equivale a *tornar-se* espírito ou animal, os dois actantes da alteridade radical do humano. Em outras palavras, estabelecer comunicação com esse *outro* é um forte indício de que se está morrendo. Como o xamã é aquele que consegue ver (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2011, 2015; VILAÇA, 2006), remover seus olhos, como queria a bruxa – esse elemento ocidental – é uma tentativa de furar sua habilidade de transpassar os limites corporais das espécies. Não comer do banquete ali servido, por outro lado, é negar ser o *outro* em sua totalidade. Dito de outro modo, Maria do

³ Xamã, curandeiro ou pajelança cabocla são termos que optamos por não problematizar e que aqui adquirem o mesmo valor semântico.

Bairro evitou a rua de mão única. Ela experimentou o limiar e conseguiu voltar para contar a história. Ela tornou-se pajé.

Já disse Benjamin em *Passagens* (2009) que um dos estados limiaries que nos restou atualmente é o sonho e, Gagnebin em *Limiar, aura e rememoração* (2014), fala que o limiar é justamente este espaço intervalar que permite um trânsito, uma passagem, um movimento. São estes espaços, junto às fronteiras, que encontramos no caminho de acesso à ilha (ou quase ilha, uma vez que a habitação é verdadeiramente insular quando estamos nas épocas de chuva, quando os campos ficam completamente alagados). A porteira, a abertura na cerca de arame farpado em forma de seta arquitetado para permitir a passagem de pessoas e não a dos gados que pastam alhures, a ponte de varas sobre a lama dos campos em espaços com pouco mais de dez metros são espaços criados menos para delimitar um domínio que para permitir o fluxo. A Maria do Bairro é essa pessoa que comunica, tal qual essas possibilidades de trânsito, seus clientes aos encantados, seres que não são deste mundo, entidades que ocupam outros espaços e que o cidadão médio só consegue acessar passando por um pajé como a Maria.

Carneiro da Cunha (2009, p. 106) ao notar a rede fractal da cartografia hídrica tece comparações com os poderes do xamã aos modos de organização econômica no decorrer do rio. O elemento que está mais a jusante na cartografia exerce um domínio sobre aqueles que se encontram mais a montante. A foz é o local privilegiado para aqueles que exercem domínio justamente por ela ser o ponto de convergência, passagem obrigatória e necessária para aqueles que se encontram à montante. A foz é o lugar privilegiado do xamã, assim com as cabeceiras dos rios. Malgrado a morada da Maria ser uma ilha, e esta última não participa desse jogo fractal das capilaridades do rio analisado por Carneiro da Cunha, todavia, é sintomática a lógica do poder xamânico exercido nas vias da comunidade. Para aqueles que procuram consulta xamânica em Taperaçu Campo, as vias de acesso são capilares de rios, quanto mais adentra-se na comunidade mais poderoso é o xamã que se procura. A última casa antes da ilha da Maria do Bairro é onde mora uma pajoa, como bem nos contou Maria. Geograficamente, ela está em um estágio inferior e, com todas as ressalvas da relação de poder ou concorrência que possam existir, ela é vista no discurso de Maria com pouca sabedoria para a pajelança.

Falamos que Maria do Bairro é maranhense. Ora, o Maranhão é muito bem afamado pelos seus pajés, por outro lado, em certa altura da vida Maria migrou para o Sudeste e lá exerceu a pajelança. Outro período passou em Belém. Isso faz dela não apenas uma viajante, mas, sobretudo, uma estrangeira. O que nos leva de volta a Carneiro da Cunha (2009, p. 106) quando ela destaca que “viagens mais conformes à nossa definição usual acentua seu

prestígio”, e nos leva de encontro àquele elemento que não se dissolve no caldo cultural de Bhabha (2010), o estrangeiro, o sujeito que proporciona ao grupo uma visão privilegiada.

Era um encontro com essa figura insular e do entremeio que procurávamos naquela manhã quente para uma consulta.

Nosso primeiro contato com Maria segue as formalidades iniciais. Uma conversa descontraída em que ela diz que seria visitada, falamos sobre a pesquisa, os fotos e vídeo que faríamos e os problemas de ordem espiritual que nos assaltavam no momento. *Descarrego* é o que ela prescreve. Parte-se para a seleção das ervas, base da defumação e do benzimento. Revezamos no ritual, a lógica é a mesma. A pessoa senta-se de frente para a entrada do recinto com as mãos descruzadas – nesse caso fomos recebidos na palhoça adjacente à sua residência que serve de cozinha uma vez que é onde está o fogão à lenha para o preparo de alimentos e que fornece combustível para a defumação. Não deve-se vacilar para a primeira pergunta: “Quem pode mais que Deus?” “Ninguém!”. Muitas palavras são quase sussurradas, umas orações de bom agouro nos envolve tão bem quanto o incenso colocado no chão sob nossas costas. Alguns vaticínios ou preditos são ditos no final da sessão. Depois partimos para a consulta, momento em que ela vai pedir para escrevermos o nome das ervas para o banho de *Descarrego*, *Atração de Amor* e *Chama*, a saber, olho grande, afasta azar, óleo unguido, amoníaco, dente de alho, três limões, sabão grosso, alfazema, mel, moeda, uirapuru, água de jiboia, corre atrás, abre caminho, busca longe, cinza, cominho, quebra mandinga. Muitos deles se repetem nos banhos prescritos.

A conversa segue e não percebemos quando a consulta é finalizada. Não é sempre, mas ela pode preparar um banho de *Descarrego* para ser tomado ali mesmo. Em algum momento perguntamos se ela prepararia um. Ela respondeu que sim e é ela quem nos lembra próximo da partida. A estadia se alonga, observamos Maria separa as ervas e levá-las ao jirau para misturá-las cuidadosamente em uma bacia. Banho tomado, ela ainda tem tempo para apresentar seu quintal, preparar um café e agradecer mais uma vez a vinda. O retorno é feito pelo mesmo caminho, transpassando os mesmos limiães. Para aqueles que se permitem envolver nos ares benfazejos da Maria do Bairro, o sentimento experienciado é de leveza, os problemas, angústias, opacidade volatizam-se. O peso de viver parece deslocar-se, perde-se nos meandros daquela pequena ilha em Taperaçu Campo. Sobre Maria, há sempre algo que não é possível representar textualmente. Algo, presumimos nós, que apenas as fotografias podem dizer.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Como o novo entra no mundo. **In:** _____. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 292-325.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. Xamanismo e tradução. **In:** _____. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 101-113.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

PEREIRA, Rogério. **Na escuridão, amanhã**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VILAÇA, Aparecida. Os xamãs. **In:** _____. **Quem somos nós: os Wari' encontram os brancos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 202- 207.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A morte como quase acontecimento. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2009/10/16/integra-a-morte-como-quase-acontecimento-eduardo-viveiros-de-castro/>>. Obtido em: 05 set. 2017.

_____. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

_____. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **In:** _____. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 347-399.

_____. Perspectivismo. **In:** _____. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 33-54.























